



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III\_GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**CÍCERO CAMILO DE SENA AZEVÊDO**

**OS PARALAMAS DO SUCESSO E O ROCK BRASILEIRO DOS  
ANOS 1980**

**GUARABIRA-PB  
2012**

**CÍCERO CAMILO DE SENA AZEVÊDO**

**PARALAMAS DO SUCESSO E O ROCK BRASILEIRO DOS ANOS  
1980**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação  
Licenciatura Plena em História da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção  
do grau de Licenciado em História

Orientador (a): Prof. Dra. Edna Maria  
Nóbrega Araújo

**GUARABIRA-PB  
2012**

## Ficha catalográfica

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

A994p

Azevêdo, Cícero Camilo de Sena

Os Paralamas do Sucesso e o rock brasileiro dos anos 1980 / Cícero Camilo de Sena Azevêdo. – Guarabira: UEPB, 2012.

26f.: Il.; Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr. Edna Maria Nóbrega Araújo.

1. Música - Rock      2. Censura      3. Ditadura Militar  
I. Título.

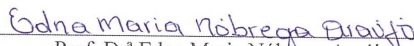
22.ed. CDD 321.9

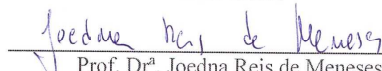
**CÍCERO CAMILO DE SENA AZEVÊDO**

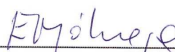
**OS PARALAMAS DO SUCESSO E O ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 1980**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação Licenciatura Plena em  
História da Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do grau de  
Licenciado em História.

Aprovado em 11/12/2012.

  
Prof. Dr<sup>a</sup> Edna Maria Nóbrega Araújo  
Orientadora

  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Joedna Reis de Meneses  
Examinadora

  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Elisa Mariana Medeiros Nóbrega  
Examinadora

## **044 – HISTÓRIA**

### **OS PARALAMAS DO SUCESSO E O ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 1980**

**Linha de Pesquisa: História Cultural**

**(Autor) AZÊVEDO, Cícero Camilo de Sena UEPB/CH/DH/CH**

**(Orientadora): Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo UEPB/CH/DH/CH**

**(Examinador): Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses UEPB/CH/DH/CH**

**(Examinadora) Profa. Dra. Elisa Mariana Medeiros Nóbrega UEPB/CH/DH/CH**

#### **RESUMO:**

Nos anos 80, após a abertura política a nova geração “já não era tão cativada pela música popular brasileira, que muitas vezes, se expressava com letras carregadas de denúncias sociais e usando metáfora para driblar a censura da década anterior”. (CARMO, 2001, p.139) No início de 1980, surge uma nova fase na história brasileiras. Era o período de transição da ditadura militar para o momento democrático, com isso ocorreu o retorno dos exilados, entre eles os artistas que com o fim da censura passaram a regravação de músicas anteriormente proibidas. É nessa mesma época que despontam várias bandas de rock como Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, Titãs, Ultraje a Rigor, RPM, Legião Urbana, Vímãna, Ira!, Ratos de Porão e Sepultura entre outras, que haviam crescido em meio à ditadura militar. A repulsa não poderia deixar de estar presente em suas músicas, não com a mesma linguagem dos grupos dos anos 60 e 70, mas com palavras voltadas para a geração que como eles haviam vivenciado a ditadura. Sob esta perspectiva. Temos como objeto analisar a letra da música *Selvagem?* Dos Paralamas do Sucesso, buscando entender quais os temas citados na música e como Herbert Vianna aborda.

**PALAVRAS CHAVE:** Ditadura Militar. Censura. Rock. Música.

**044 –HISTÓRIA**

**OS PARALAMAS DO SUCESSO E O ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 1980**

**Linha de Pesquisa: História Cultural**

**(Autor) AZÊVEDO, Cícero Camilo de Sena UEPB/CH/DH/CH**

**(Orientadora): Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo UEPB/CH/DH/CH**

**(Examinadora): Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses UEPB/CH/DH/CH**

**(Examinadora) Profa. Dra. Elisa Mariana Medeiros Nóbrega UEPB/CH/DH/CH**

### **ABSTRACT**

In the '80s, after opening a new political generation "was not so captivated by Brazilian popular music, which often expressed itself laden with letters of complaints and using social metaphor to circumvent the censorship of the previous decade." (CARMO, 2001, p.139) In early 1980, a new phase in the history of Brazil. It was the period of transition from military dictatorship to democratic moment, this occurred with the return of the exiles, among them artists with the purpose of censorship began rewriting songs proibidas.É earlier that same season that stand out several rock bands as Paralamas do Sucesso, Red Baron, Titans, Offence to Rigor, RPM, Keith Urban, Vimana, Ira!, Bilge Rats and Sepultura among others, who had grown up in the midst of military dictatorship. Revulsion could not fail to be present in their music, not with the same language groups of the '60s and '70s, but with words aimed at the generation that how they had experienced the dictatorship. From this perspective. We at analyzing the lyrics Selvagen? Of Paralamas do Sucesso, trying to understand what the issues cited in the music and how Herbert Vianna addresses.

### **KEYWORDS:**

Military Dictatorship. Censorship. Rock. Music.

## OS PARALAMAS DO SUCESSO E O ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 1980

Há alguma coisa estranha no ar e não é o cheiro de maconha. Esta lona foi erguida aqui na praia do Arpoador, algumas semanas atrás em janeiro. (...) deram-lhe o nome de Circo Voador.( DAPIEVE,1995, p.9)

(...) Canta-se em português , as letras não falam no diabo e sim em batatas fritas.( DAPIEVE,1995, p.9)

A era rock'n'roll não começa nos anos 1980, talvez ela só tome forma a partir daí, pois desde os anos 1960 começam as críticas ao sistema social que as pessoas viviam. E qualquer década que viesse depois dos anos 60 ficaria atônita diante dos desafios propostos pelo período. (TATIT, 2005, p.119).

A partir da implantação da ditadura militar nos anos 60, foi instalada a censura que repercutiu de modo especial na vida dos artistas que passaram a ter seus trabalhos vigiados e em muitos casos proibidos de chegar até a população. Aqueles artistas que iam contra as imposições do sistema eram perseguidos, expulsos do país, torturados e até mesmo mortos. A insatisfação da população e dos artistas eram expressa de forma camuflada, mas muitos desabafavam como através de depoimentos ou nas letras das músicas.

(...) a gente tá é puto da vida com o jeito que as coisas estão, com a hipocrisia, com a safadeza, com as empulhações e tá é louco para falar uma porrada de coisas a respeito, desse modo aí que a gente gosta.(DAPIEVE, 1995, p.28).

Na transição da década de 60 para 70, artistas como Chico Buarque, Caetano Veloso, Geraldo Vandré e muitos outros conseguiam burlar as regras impostas pela censura e gravaram músicas criticando a ditadura a exemplo das músicas abaixo:

Acorda amor/ Eu tive um pesadelo agora/ Sonhei que tinha gente lá fora/Batendo no portão, que aflição/ Era a dura, numa muito escura viatura  
Minha nossa santa criatura/ Chame, chame, chame lá/Chame, chame o ladrão, chame o ladrão (Acorda Amor. Chico Buarque de Holanda. Disponível em <http://letras.mus.br/chico-buarque/45103/>. Acesso em novembro de 2012)

A mãe da virgem diz que não/ E o anúncio da televisão /E estava escrito no portão/E o maestro ergueu o dedo/E além da porta/ Há o porteiro, sim.../ E eu digo não/ E eu digo não ao não/ Eu digo: É!/ Proibido proibir/É proibido proibir/ É proibido proibir/É proibido proibir... /Me dê um beijo meu amor / Eles estão nos esperando / Os automóveis ardem em chamas/ Derrubar as prateleiras/ As estantes, as estátuas/ As vidraças, louças/ Livros, sim. (É Proibido Proibir. Caetano Veloso. Disponível em: <http://letras.mus.br/caetano-veloso/>. Acesso em: novembro de 2012)

Caminhando e cantando/ E seguindo a canção/ Somos todos iguais/ Braços dados ou não/ Nas escolas, nas ruas/ Campos, construções/ Caminhando e cantando/ E seguindo a canção./Vem, vamos embora/ Que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer./ Pelos campos há fome Em grandes plantações/ Pelas ruas marchando/ Indecisos cordões/ Ainda fazem da flor/ Seu mais forte refrão/ E acreditam nas flores/ Vencendo o canhão. Vem, vamos embora/ Que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer/ /Há soldados armados/ Amados ou não/ Quase todos perdidos/ De armas na mão/ Nos quartéis lhes ensinam/ Uma antiga lição:De morrer pela Pátria E viver sem razão./ Nas escolas, nas ruas/ Campos, construções/Somos todos soldados/ Armados ou não/ Caminhando e cantando/E seguindo a canção/ Somos todos iguais/Braços dados ou não/Os amores na mente/ As flores no chão/ A certeza na frente/ A história na mão/ Caminhando e cantando/ E seguindo a canção/ Aprendendo e ensinando/ Uma nova lição/ Vem, vamos embora/ Que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer. (Prá não dizer que não falei das flores. Geraldo Vandré. Disponível em: <http://letras.mus.br/geraldo-vandre/46168/>. Acesso em: novembro de 2012 ).

As letras de músicas acima citadas, são consideradas canções de protesto que eram cantadas pelas pessoas ligadas a esquerda, pelos estudantes, e outros segmentos sociais que se sentiam silenciados pelo sistema militar. Músicas como estas só eram aprovadas a serem gravadas por que as letras eram camufladas, quando os militares percebiam que a música era uma crítica eles proibiam. Um exemplo é a música de Caetano, *É Proibido proibir* que fala da censura. A música de Chico Buarque *Acorda Amor* retrata a chegada dos militares para prender ou fazer vistorias na casa, fato que era comum na época. Não precisava de autorização dos seus donos, eles chegavam e mexiam em tudo. Já em *Prá não dizer que não falei das flores* de Geraldo Vandré, a letra é mais nítida e era quase um hino utilizado nas mobilizações populares. Todos os cantores citados foram perseguidos e exilados.

Além das músicas e cantores citados fizeram parte do movimento de protesto a Tropicália, MPB ou mesmo o rock. Esses movimentos demonstravam a coragem para cantar toda a repulsa que motivava esses músicos. A rebeldia era incluída até mesmo na forma como se tocava e manuseava o instrumento.

A nova forma de tocar começou também nos anos 60, sobre a influências do jazz norte americano, as harmonias fugiam dos acordes pré-estabelecidos de um determinado campo harmônico, e que às vezes só tinham dois ou três acordes, técnicas aplicadas do rock ao samba e que faz uma verdadeira mistura desses dois ritmos lembrando a Black e Soul music. “A música moderna brasileira passa a ter junções e características de várias outras culturas, tempos e gêneros.” (TATIT, 2005, p.121).



De maneira semelhante à Baden, Jorge Ben ,por exemplo se distingue dos músicos de sua geração por fazer uma mistura musical – rock e samba – pouco atenta às lições da bossa nova. Como observa Nelson Motta em *Noites Tropicais*, o violão de Jorge Ben é muito diferente do de João Gilberto. Descrevendo a primeira noite em que viu Jorge Bem se apresentar no Bottle´s Bar, Nelson registra as suas impressões sobre o “mulato forte e bonito” que, se não tinha nada de jazzístico, também não tinha nada de João Gilberto, pois, em vez de dedilhar o instrumento, tocava-o vigorosamente com a mão inteira, rítmico e percussivo à maneira dos bluesman. (NAVES, 2004, p.29)

Essas influências jazz ou/e bluesísticas contribuíram na construção das músicas dos Paralamas, Herbert Viana, letrista, guitarrista e vocalista dos Paralamas teve muita afinidade com a escala pentatônica tão popularizada nos Estados Unidos na época e tão preferida por bluesmans como B.B. King, que forma uma verdadeira dupla com sua Gibson carinhosamente chamada de Lucille. E Herbert Vianna e os PdS foram um dos caminhos para que a revolta fosse musicalizada e cantada; em um dos trechos de *Selvagem?* ele canta: “E a liberdade cai por terra aos pés de um filme de Godard.” Jean-Luc Godard nasceu na França em 1930, ator, diretor, roteirista e ensaísta, esse cineasta tinha influências anarquistas e abordava em seus filmes assuntos polêmicos de uma forma provocadora. Na França em maio de 1968 houve uma greve geral liderada por um movimento estudantil de esquerda que lutava por novas maneiras de abordar sexualidade, a educação e o próprio prazer, e Godard foi um dos que apoiou esse movimento. Enfim, o contexto social do Brasil em 1980 pode ser associado ao movimento estudantil francês de 1968, com certeza Godard e os Paralamas tinham muita coisa em comum pois os dois utilizavam sua arte, o cinema, no caso de Godard, e a música, no caso dos Paralamas, para trazer suas ideias à tona e de certa forma fazer a sua parte em tentar tornar o seu país de origem em lugar mais justo. Herbert cantava como a liberdade do cidadão caía por terra aos pés do filme de um alguém que tinha os mesmos anseios. Como se o desejo de liberdade só fosse possível nas obras de ficção.

Até mesmo para analisar o rock é necessário também quebrar as barreiras da música brasileira. Porque na verdade um estilo é derivado e tem influências do outro. A própria Tropicália tinha influência do rock:

O rock é também explicitamente assumido pelos tropicalistas ao incluírem, desde o início do movimento, os Mutantes e seus instrumentos elétricos em suas apresentações: Arnaldo Dias Batista (compositor, pianista e baixista), Sérgio Dias Batista (compositor, violonista e guitarrista) e Rita Lee (compositora, harpista e flautista). O idílio dos tropicalistas com os roqueiros

de São Paulo começou com a participação destes na gravação de *Bom dia*, música de Gilberto Gil e Nana Caymmi, de 1967. (NAVE, 2004, p.50).

Um movimento musical se configura no outro nas palavras de Luiz Tatit: ‘Quando o mercado abre espaço para o rock dos anos 80, o que surge, no fundo, é mais uma das dicções da música popular brasileira. Pode-se dizer que nossa canção moderna se configurou nos anos 70.’ (TATIT, 2005, p.124).

Dentre os acompanhamentos de um tropicalista com um grupo ou banda de rock podemos citar: Quando Gilberto Gil fez parcerias com os Mutantes, Caetano Veloso no III Festival da MPB da Record, teve o acompanhamento dos Beat Boys da Argentina quando concorreu com a música *Alegria, alegria*. Isso mostra como todos estes movimentos e influências estiveram interligados, como a própria introdução de instrumentos como a guitarra e o baixo elétrico de uma forma mais enfática nas músicas, valorizando o som desses instrumentos e trazendo uma ideia mais rock’n’roll na música brasileira.

Não há dúvidas de que os Mutantes e Rita Lee tem rock correndo nas veias e nem por isso deixaram de ser tropicalistas. A guitarra e o baixo elétricos são instrumentos do século XX, a guitarra havia nascido nos Estados Unidos na década de 40, havia sido aperfeiçoada por um técnico que consertava rádio chamado Leo Fender e tinha um som amplificado através de captadores e sustentado por mais tempo que o violão; o baixo elétrico criado também por Fender 11 anos depois, tinha também um som bem mais pesado e audível, além de ser mais prático de transportar pois passaria a ter um corpo sólido igual à guitarra. A introdução desses instrumentos na música brasileira proporcionou novos caminhos para um estilo de música bem mais avivada, pesada e inclusive rebelde que já havia nascido e se feito presente nos movimentos anteriores. Ao passar dos anos a bateria também teria sua contribuição nessa rebeldia, pois deixara de ser tocada tão suavemente como nos estilos e bossa-novistas, marcando apenas o tempo e andamento da música e passando a ser tocada de uma forma mais arranjada com andamentos rápidos e pesados cheios de viradas entre uma estrofe e outra. A introdução de teclados e sintetizadores com sons que imitavam os antigos órgãos também tiveram sua contribuição para uma pegada rock’n’roll nas músicas.

Marcos Napolitano cita a década de 70 como longa, nas palavras dele ela se inicia em 1968 e terá fim em 1982, palco do rock no Brasil:

A longa década de 1970 da MPB pode ser localizada entre 1968 e 1972. Não se trata de uma obsessão periodizante típica de historiador, mas de uma

estratégia para captar as dinâmicas e diacronias específicas que marcaram não só a MPB mas também a cena musical brasileira. A longa década começa sob o signo do Ato Institucional nº 5, AI-5, um marco do fim do sonho no Brasil, e termina com a consolidação do processo de abertura do regime militar, que, por coincidência ou não, marca o fim de um tipo de audiência musical e o começo de outra, mais jovem e ligada ao rock e ao pop brasileiros. (NAPOLITANO, 2005, p.125).

O regime militar brasileiro, como de resto outras ditaduras latino-americanas, concentrou-se em vigiar e controlar o espaço público, regido por uma lógica de desmobilização política da sociedade como garantia da "paz social". Neste sentido, esses regimes poderiam ser caracterizados como autoritários, pois sua atuação voltava-se para o controle e esvaziamento político do espaço público, preservando certas formas de liberdade individual privada. “Se a violência policial, legal e ilegal, era sistemática e utilizada contra inimigos e críticos do regime em casos extremos e em situações nas quais os generais no poder sentiam-se particularmente ameaçados, a vigilância sobre a sociedade civil era constante.” (NAPOLITANO, 2004)

Qualquer produção artística da época que contrariasse o regime seria considerada comunista, inclusive a música, os informantes vigiavam essas produções e alertavam o governo, este se encarregaria de tomar as decisões cabíveis e castigar qualquer tipo de oposição ao discurso do governo. A partir daí percebemos que Herbert Viana e a letra de “Selvagem?” não está falando apenas da década de 80, mas ao mesmo tempo das anteriores, 60 e 70, as quais ele havia nascido e crescido, vivenciado cada forma de repressão e de humilhação. Napolitano, anteriormente citado dialoga diretamente com as duas primeiras estrofes de *Selvagem?* onde o governo e a polícia apresentam suas armas, a determinação de manter tudo em seu lugar, apresentavam literalmente o discurso inconsistente, os capacetes, os cacetetes e o escudos transparentes. Na década de 70, jornalistas, músicos, estudantes, enfim, pessoas comuns eram perseguidas, vigiadas e agredidas. E é justamente isso que a música retrata. O Estado tentava controlar mais especificamente a MPB, e nos anos 80 o rock que eram considerados rebelde e críticos. O rock surgia como se fosse um filho da MPB que reclamava os direitos dos civis, que durante tanto tempo foram explorados e torturados

Na época do regime Herbert era um jovem adolescente, e nessa música ele canta na realidade a própria vida, a vida de seus amigos e de seus semelhantes.

Como outros roqueiros brasileiros Herbert haviam crescido em meio à ditadura militar, e a repulsa não poderia deixar de estar presente em suas músicas, não com a

mesma linguagem dos grupos dos anos 60 e 70, mas com palavras voltadas para a geração que como eles haviam vivenciado a ditadura.

Geração sem ideologia, compactada entre os anos 60 e os dias de hoje. Eu fui criado em plena ditadura, quando não se podia dizer isso ou aquilo, em que tudo era proibido. Uma geração muito desunida. Nos anos 60, as pessoas se uniam pela ideologia. 'Eu sou da esquerda, você é de esquerda? Então a gente é amigo.' A minha geração se une pela droga: ele é careta e ele é doidão. Droga não é ideologia, é uma opção. (CAZUZA, 1997, apud CARMO, 2001, p. 155).

Mesmo nos anos 90 os Paralamas tiveram uma música censurada, foi a música *Luís Inácio (300 Picaretas)*:

Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou/ São trezentos picaretas com anel de doutor/Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou/ Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou/São trezentos picaretas com anel de doutor/Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou/ Eles ficaram ofendidos com a afirmação/ Que reflete na verdade o sentimento da nação/ É lobby, é conchavo, é propina e jeton./ Variações do mesmo tema sem sair do tom/ Brasília é uma ilha, eu falo porque eu sei/ Uma cidade que fabrica sua própria lei/ Aonde se vive mais ou menos como na Disneylândia/ Se essa palhaçada fosse na Cinelândia/ Ia juntar muita gente pra pegar na Said/ Pra fazer justiça uma vez na vida/ Eu me vali deste discurso panfletário/ Mas a minha burrice faz aniversário/ Ao permitir que num país como o Brasil/ Ainda se obrigue a votar por qualquer trocado/ Por um par de sapatos, um saco de farinha/ A nossa imensa massa de iletrados/ Parabéns, coronéis, vocês venceram outra vez/ O congresso continua a serviço de vocês/ Papai, quando eu crescer, eu quero ser anão/ Pra roubar, renunciar, voltar na próxima eleição/ Se eu fosse dizer nomes, a canção era pequena/ João Alves, Genebaldo, Humberto Lucena/ De exemplo em exemplo aprendemos a lição/Ladrão que ajuda ladrão ainda recebe concessão/ De rádio FM e de televisão/ Rádio FM e televisão/ Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou/ São trezentos picaretas com anel de doutor/Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou/ São trezentos picaretas com anel de doutor/ Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou/ São trezentos picaretas com anel de doutor/ Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou/São trezentos picaretas com anel de doutor. (Disponível em: <http://letras.mus.br/os-paralamas-do-sucesso/439836/>. Acesso: novembro 2012).

A música foi composta pelo próprio Herbert e lançada em 1995 no álbum *Vamo Batê Lata*. Os trezentos picaretas são os políticos que estão no Congresso em Brasília, tem uma letra bastante forte e direta, a qual cita nomes de deputados envolvidos em um escândalo que ocorreu na época, e que ficou conhecido como Anões do Orçamento, teve esse nome porque na transição do final dos anos 80 ao início dos 90, esses parlamentares fraudaram os recursos do orçamento da União. Os nomes dos deputados João Alves de Almeida, Genebaldo Correia e do então senador da Paraíba Humberto Lucena. A música se refere não só a esse episódio, mas também, fala sobre os políticos do Parlamento que detém concessões de televisão e de rádio FM, pois, de acordo com a Constituição de 1988, essa atitude é claramente proibida. A música foi bastante mal

recebida pelos parlamentares da época. José Bonifácio de Andrada que era procurador da Câmara dos deputados na época e conseguiu a proibição da execução da música em um show que os Paralamas fizeram em Brasília, Herbert não havia nem mesmo colocado ela no repertório daquela apresentação. Alguns anos depois os PdS chegaram a tocá-la em homenagem ao presidente Lula quando este foi eleito pela primeira vez. Um ano depois Lula os recebeu pessoalmente e concedeu aos Paralamas o título de cidadãos honorários de Brasília.

Nos anos 80, após a abertura política a nova geração “já não era tão cativada pela música popular brasileira, que muitas vezes, se expressava com letras carregadas de denúncias sociais e usando metáfora para driblar a censura da década anterior”. (CARMO, 2001, p.139) No início de 1980, surge uma nova fase na história brasileiras. Era o período de transição da ditadura militar para o momento democrático, com isso ocorreu o retorno dos exilados, entre eles os artistas que com o fim da censura passaram a regravação de músicas anteriormente proibidas.

É nessa mesma época que os sindicatos de trabalhadores do ABC iniciam grandes manifestações por melhorias nas condições de trabalho, a Igreja Católica, em especial as de Dom Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, e Dom Hélder Câmara, arcebispo emérito de Olinda e Recife, além de Leonardo Boff, artistas, estudantes e pessoas de diferentes segmentos sociais, defendiam o voto para presidente através do movimento conhecido como “Diretas Já”. Campanha que mobilizou milhões de pessoas no final do mandato de João Batista Figueiredo buscando pressionar o Legislativo a aprovar a Emenda Dante de Oliveira que restituía o voto direto para presidente, no entanto foi reprovada.

Enquanto a imprensa, especialmente a chamada “alternativa”, fazia forte oposição ao governo, A imprensa, principalmente a TV globo e A Revista Veja, tentavam abafar as mobilizações para proteger governo.

Era presidente, João Batista Figueiredo, o último representante dos militares. O país passava por uma crise econômica, a inflação chegou a atingir 223% em 1984 o que contribuía para a decepção do povo que já vinha insatisfeito com a forma que era tratado pelo Governo Figueiredo:

O povo impacientava-se e exigia Diretas já, pois os militares adiavam as eleições, prometendo-as para um futuro distante. Antes da deflagração do movimento o presidente João Figueiredo respondia às indagações da imprensa: ‘O eleitor brasileiro ainda não tem o nível do eleitor americano, do eleitor francês [...] em outra entrevista o mesmo presidente o mesmo presidente já havia dito aos repórteres que a maioria do povo brasileiro era

desprovida de educação e muitos ainda não escovavam os dentes e não estavam preparados para a democracia. ((VALLADARES, 2006 , p. 144)

Figueiredo não aceitava a ideia do poder chegar às mãos dos civis e fazia críticas como a citada anteriormente. Nesse momento a banda Ultraje a Rigor lançava a música que falava de como a em resposta ao presidente: “ A gente não sabe escolher presidente. A gente não sabe tomar conta da gente, agente não sabe nem escovar os dentes. Tem gringo pensando que nós é indigente, inútil...” (CARMO 2001, p. 144).

Apesar da eleição não ter sido direta o povo apoiava Tancredo Neves para presidente. Ele venceu as eleições indiretas, mas morreu antes de assumir. E seu vice, José Sarney assumiu em seu lugar (1985 - 1989).

A década de 80 foi turbulenta e chamada de década perdida. A transição social ocorria de forma lenta. A aversão do povo crescia diante da instalação do Plano Cruzado, o congelamento dos preços das mercadorias e dos salários o que levou a falta de mercadoria nas prateleiras dos supermercados e o aumento dos preços do que restava. No final do governo do presidente Sarney o Brasil estava com uma taxa de inflação anual de 1.782%. As greves chegaram quase a quatro mil envolvendo aproximadamente 18,4 milhões de trabalhadores. A Nova República só era nova no nome. “ É nesse contexto que, num país em que tudo dava errado, uma ala da juventude expressava seu descontentamento”. (CARMO 2001, p. 146).

Esse descontentamento pode ser percebido na música *Ideologia* de Roberto Frejat e Cazuza:

E as ilusões estão todas perdidas, foram todos vendidos, tão barato que eu nem acredito. Ah! Nem acredito. Que aquele garoto que ia mudar o mundo, mudar o mundo, frequenta agora as festas do “Grand Monde”. Meus heróis morreram de overdose, meus inimigos estão no poder, ideologia! Eu quero uma pra viver (...) Disponível em <http://letras.mus.br/cazuza/43860/> acesso novembro 2012).

Alguns músicos tiveram uma forte influência dos grupos punks que surgiram no Brasil no final dos anos 70 que também faziam protestos diferentes dos protestos tropicalistas.

Aos poucos, esses jovens foram sentindo que faziam parte de uma ala juvenil, e que se diferenciavam de outros grupos. Diante do estado geral das coisas , garotos pobres e oprimidos viam que o futuro para eles não era nada promissor. Em seu protesto punk expõem um sentimento de revolta que já estava entalado na garganta de certo agrupamento jovem destituído de privilégios. O movimento manifestava sua rebeldia já desde a vestimenta (...) ao comportamento muitas vezes agressivo, a música provocativa, acelerada e barulhenta. As letras expressam protestos diretos contra o sistema ou retratam a luta pela sobrevivência. (CARMO 2001, p. 146).

Foi a primeira vez que jovens da classe trabalhadora fizeram sucesso no meio musical principalmente entre os jovens de classe média, com destaque para os estudantes universitários e colegiais. O punk não levantou bandeiras, nem lutou por mudanças sociais mas influenciaram vários grupos como: Titãs, Legião Urbana, Camisa de Vênus, etc.

O desejo dos Paralamas era bem simples como dizia Bi: Nosso objetivo era botar uma música na Fluminense FM e tocar no Circo Voador. Em pouco tempo eles conseguiram ambos os desejos.

La [no Circo Voador] por exemplo, eles foram os anfitriões da celebre Primeira Noite Punk do Rio de Janeiro em 1983, na qual tocaram com os paulistas Inocentes, Lixomania, Cólera e Descaga Suburbana. ‘Não somos punks, mas apoiamos o movimento, disse Herbert na ocasião. (...) estamos aqui para homenagear vocês. (VALIADARES, 2006, p. 91).

Nos anos 60 e 70 o rock era uma imitação do rock estrangeiro, já nos anos 80, passa a ter uma forte inspiração da cultura nacional. Nesse período, a MPB não agradava a nova geração com seu vocabulário difícil e cheio de metáfora. Daí, os grupos Kid Abelha e os Abóboras Selvagens conseguiram através de suas músicas se comunicarem com os jovens. A partir desse momento o rock nacional começa a ganhar visibilidade e outros grupos entraram em cena.

O surgimento e sucesso do rock brasileiro proporcionou a realização do festival Rock in Rio em 1985, com um público de aproximadamente 1.380.000 pessoas. A venda de discos ultrapassava as expectativas dos grupos, por exemplo: Os Paralamas venderam trezentos mil, o Legião Urbana oitocentos mil, RPM mais de dois milhões. Com novas ideias, novas atitudes, enfim, um novo estilo de música e rebeldia o rock brasileiro que vem para impactar jovens adolescentes e claro, muitos adultos na década de 1980. O rock brasileiro foi carinhosamente apelidado de brock por Nelson Motta, jornalista, escritor, compositor, crítico musical, produtor e um dos nomes mais importantes na música brasileira moderna.

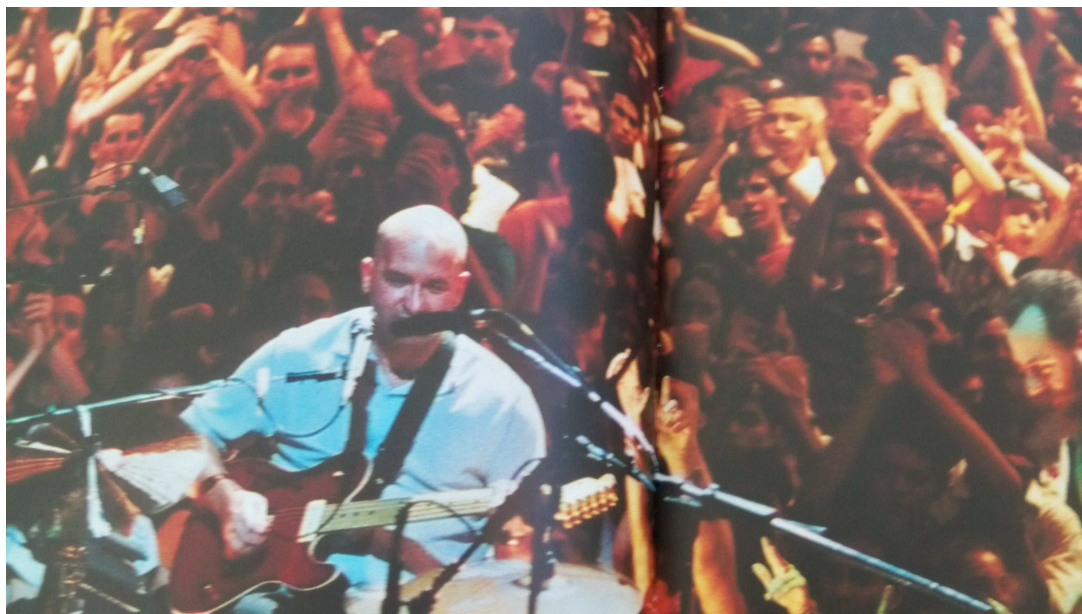


Imagem 01: Show dos Paralamas do Sucesso. Fonte: Maurício Valadares, Os Paralamas do Sucesso.

Podemos considerar o rock brasileiro como um sucessor de estilos como MPB, Bossa Nova e Tropicália. No Tropicalismo tivemos nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Os Mutantes e Geraldo Vandré, entre outros; na Jovem Guarda, Erasmo e Roberto Carlos, Ronnie Von, Renato e Seus Blue Caps, entre vários outros; e na MPB, João Gilberto, Chico Buarque, Tom Jobim, Jair Rodrigues, enfim, foram nomes que de alguma forma influenciaram o rock da época e que tiveram influências internacionais como Bill Haley and His Comets, Little Richards e The Platters.

O Brock começou a ser gerado na década de 1970 com estes predecessores através de músicas como Boogie do bebê e Pertinho do Mar de Tony Campello, Banho de Lua, Lacinho Cor-de-Rosa e Estúpido Cupido de Celly Campello, e como não poderia deixar de ser, com influências das músicas de protesto do Tropicalismo e da MPB. No LP - manifesto Tropicália ou Panis et Circenses (1968) com Gilberto Gil e Caetano Veloso à frente, percebemos que: “(...) mesmo que a linguagem predominante não fosse o rock – havia samba e bolero – a postura grupal era roqueira, sem dúvida”. (DAPIEVE, 1995, p.15).

Os Paralamas e outras bandas da época como Ultraje a Rigor, Barão Vermelho, Kid Abelha, RPM, Blitz e Titãs, tiveram um empurrãozinho do primeiro *Rock in Rio* que foi realizado em 1985, e que ajudou a valorizar esse tipo de música. Pois após a realização desse evento as gravadoras passaram a investir mais no rock nacional.



Para falar dos Paralamas do Sucesso, faz-se necessário falar um pouco sobre a vida do seu principal líder: Herbert Viana, letrista, compositor, guitarrista e vocalista dos PdS, este nasceu em Brasília, era filho de um militar da Aeronáutica. Foi para o Rio de Janeiro em 1978 com apenas 16 anos. A música era a sua vida. Se dedicava de corpo e alma à guitarra, era um dos poucos que tinha uma Fender importada do Japão, sonho de consumo de todo guitarrista. Seus companheiros de banda e claro, de protesto eram Bi Ribeiro (baixo) e Vital Dias (bateria). Eles ensaiavam sempre nos finais de semana em Copacabana no apartamento da avó de Bi Ribeiro, dona Ondina de Amorim Nóbrega. E, como não seria de se esperar, como ensaiavam em um apartamento, as reclamações dos vizinhos eram frequentes, e a polícia era sempre chamada para acabar com o ensaio do trio. O tempo passa e em 1980 os três entram na faculdade, no ano seguinte se inscrevem no Festival da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde Bi estudava. O grupo inscreveu três músicas que acabaram sendo desclassificadas e que, receberam nota zero numa escala que ia até cem. Mesmo assim, conseguiram uma oportunidade de tocar no intervalo. Nessa hora no entanto, Vital Dias some e Bi indica João Barone para quebrar o galho. Barone era estudante de zootecnia na mesma faculdade que Bi estudava. (VALLADARES, 2006)

No ano seguinte, o trio se tornava quarteto, Herbert, Bi, Vital e Barone. Conseguiram oportunidade para tocar quatro horas em um barzinho local. Vital e Barone revezariam as baquetas. No entanto, após tocar duas músicas e passar as baquetas para Barone, Vital mais uma vez some e vai embora. A partir daí o quarteto volta ser trio, desta vez com Barone na bateria. Vital continuaria sua carreira musical em outra banda de trash metal que ele mesmo fundara: Sodom. A música *Vital e sua moto* faz alusão ao baterista e se tornou um ícone do rock brasileiro.

Em abril de 1983, os Paralamas assinam o primeiro contrato com a Emi-Odeon:

‘Não passava muita coisa pela minha cabeça’ admite Bi. ‘só que se demos bem, vamo nessa! A gente nunca se via como nada’. Completa Herbert. ‘olha que figuraça o presidente da gravadora, o Guy Deluz’, aposta Bi. ‘Ele era suíço, não falava bem português e dizia assim’ gostei de show de muletas com pirocas’ (mulatas com perucas)’, lembra Barone. (VALLADARES, 2006), p. 51)

A primeira foto oficial dos Paralamas do Sucesso, foi tirada em 1982, dentro de um elevador, no prédio de Maurício Valadares. “Ele não deixou a gente nem entrar em casa, foi no elevador”. Brinca Barone. Tirada para ilustrar uma reportagem na revista

Pipoca Moderna, editada por Ana Maria Baiana. Os macacões de voo foram emprestados pelo pai de Herbert” (VALADARES, 2006, p. 61).



Imagem 02: Primeira Foto oficial dos Paralamas do Sucesso. 1982. Fonte: Mauricio Valadares, Os Paralamas do Sucesso.

Começaria a carreira de sucesso com shows lotados em fevereiro do mesmo ano estavam no Circo Voador abrindo o show para Lulu Santos. *Selvagem?* foi recebido com bastante euforia pelo público, não só no Brasil, mas também na Argentina, por exemplo. O disco foi lançado oficialmente na noite de 30 de julho de 1986, quarta-feira, no palco do Canecão. Apenas um mês e meio depois de chegar às lojas, o disco vendeu cerca de 300 mil cópias, levando os PdS à Espanha, Paraguai, Uruguai, Chile, França, Suíça e Portugal, onde foram muito bem recebidos. Ao todo, foram 19 discos gravados e mais de 150 shows pelo Brasil.



Segundo Luciane de Paula, os Paralamas representam a banda que melhor traduziu o pensamento da geração das décadas de 80 e 90. “Eles foram o grupo que expressou com mais vigor a pluralidade e a multiplicidade da cultura brasileira, tanto nas suas composições como na mistura de rock, funk e reggae”.

Esses traços são identificados na música *Vital e sua Moto*, lançada em 1983, em que um rapaz sai com sua máquina pela estrada, acreditando na capacidade transformadora dessa atitude: *Vital e sua moto mas que união feliz/ Corria e viajava era sensacional/A vida em duas rodas era tudo que ele sempre quis/ Vital passou a se sentir total/ Com seu sonho de metal.*

O início da carreira dos músicos foi marcado pelo discurso idealista dos adolescentes da época – caracterizado pelo otimismo que a abertura política então semeava –, que vêem um futuro promissor para o País. “Era um pensamento norteado pelo coletivo dos festivais de música e das manifestações de rua”. “Ingênuos, pequeno-burgueses, esses jovens buscavam um mundo melhor, ainda que não soubessem como construí-lo.” No início, predominam a busca de liberdade e a crença nas conquistas coletivas. Com a derrota do movimento pelas eleições diretas para presidente da República, em 1984, vem a desilusão e acirram-se as críticas à situação

Em 1986, na composição *Alagados*, do CD *Selvagem?*, o sujeito da letra aborda as mazelas brasileiras por meio dos contrastes da cidade do Rio de Janeiro:

Todo dia o sol da manhã/ Vem e lhes desafia /Traz do sonho pro mundo/  
Quem já não o queria/ Palafitas, trapiches, farrapos/ Filhos da mesma agonia/  
E a cidade que tem braços abertos/ Num cartão postal/ Com os punhos fechados da vida real/  
Lhes nega oportunidades/ Mostra a face dura do ma/  
Alagados./ Trenchtown, Favela da Maré/ A esperança não vem do mar/ Nem das antenas de TV/  
A arte de viver da fé Só não se sabe fé em quê/ A arte de viver da fé/ Só não se sabe fé em quê/  
Todo dia o sol da manhã  
Vem e lhes desafia/ Traz do sonho pro mundo/ Quem já não o queria/  
Palafitas, trapiches, farrapos/ Filhos da mesma agonia/ E a cidade que tem braços abertos/  
Num cartão posta/ Com os punhos fechados da vida real  
Lhes nega oportunidades/ Mostra a face dura do mal/ Alagados, Trenchtown, Favela da Maré/  
A esperança não vem do mar/ Nem das antenas de TV/ A arte de viver da fé/ Só não se sabe fé em quê/  
A arte de viver da fé Só não se sabe fé em quê.

(Disponível

em:

<http://www.vagalume.com.br/paralamas-do-ucesso/alagados.html#ixzz2E2n6x95r>. Acesso: novembro 2012)

Herbert Viana fez uma série de críticas à situação política dos anos 80 através da música *Selvagem?*

A polícia apresenta suas armas/ Escudos transparentes, cassetetes/ Capacetes reluzentes/E a determinação de manter tudo/ Em seu lugar/ O governo apresenta suas armas/ Discurso reticente, novidade inconsistente/ E a liberdade cai por terra/ Aos pés de um filme de Godard/ A cidade apresenta suas armas/ Meninos nos sinais, mendigos pelos cantos/ E o espanto está nos olhos de quem vê/ O grande monstro a se criar/ Os negros apresentam suas armas/ As costas marcadas, as mãos calejadas/ E a esperteza que só tem quem tá/ Cansado de apanhar/A polícia apresenta suas armas/ Escudos transparentes, cassetetes/ Capacetes reluzentes/ E a determinação de manter tudo/ Em seu lugar. (Selvagem? Paralamas do Sucesso. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/paralamas-do-sucesso/alagados.html#ixzz2E2n6x95r>. acesso: novembro de 2012).

*Selvagem?* a polícia continua apresentando as suas armas, a determinação de manter tudo em seu lugar; o governo continua com seu discurso reticente, prometendo sempre melhorar a situação da classe assalariada, e fica apenas na promessa; na cidade o grande monstro continua a se criar, a pobreza, a fome, a inflação, a prostituição, a falta de segurança, de saúde e de educação continuam a assustar aos olhos de quem vê. A nossa liberdade cai por terra e somente se torna possível em um filme de ficção. O negro continua a tentar se defender em uma sociedade que só o oprime e explora. A maioria dos moradores das favelas são negros, a maioria das crianças que se encontram afastadas da escola são negras, também são negros a maior parte das pessoas que se encontram presas. Os negros, mesmo quando conseguem ascensão em sua vida profissional e intelectual, continuam discriminados.

O discurso do governo apresenta-se como verdadeiro e muitas pessoas acreditam mesmo quando esse discurso é inconsistente. Um exemplo é nos momentos de eleições quando os políticos com sua capacidade de ludibriar e com o uso da mídia faz com que as pessoas esqueçam o passado e conduzam eles ao poder. Com o sonho de ver o país mudar. Como pode haver mudanças se o voto das pessoas ainda são comprados por feiras, dinheiro, óculos, remédios e favores dos mais diversos? Os eleitores repetem os mesmos erros. Os políticos quando eleitos esquecem as promessas de campanha e trabalham para o mesmos grupos da elite política, deixando os rico cada vez mais rico, e o pobre cada vez mais pobre.

A cidade apresenta as suas armas , meninos nos sinais, mendigos pelos cantos. E o espanto está nos olhos de quem vê o grande monstro a se criar.

Devido a desigualdade instalada no país a vida dos mais pobre é muito difícil principalmente nas cidades grandes que são cercadas por favelas e mendigos pelas ruas,

crianças nos sinais pedindo, fazendo uso de drogas, e que possivelmente vão seguir o exemplo de tantos outros entrando no crime como saída para sobreviver

A cada dia que passa o cidadão se assusta mais com os rumos que a sociedade brasileira toma, e sai de casa sem saber ao menos se vai voltar. A cada dia a violência aumentava mais, a pobreza, a fome, não só de comida, mas também de justiça esperada por todos os cidadãos. *Selvagem?* Mostra em poucos versos essa realidade. A sujeira tem um caráter figurativo, representa justamente a falta de uma vida digna e respeitável para os simples e a corrupção à qual infelizmente estão envolvidos muitos dos nossos parlamentares. Mesmo que esse futuro, pelo menos o bom futuro da nação ainda não tenha chegado, o rock teve e ainda tem sua contribuição nesse caráter político-ideológico de estimular as novas gerações a continuarem lutando por um amanhã justo.

Os Paralamas expressaram muito bem toda essa realidade, não só em *Selvagem?*, mas em muitas de suas outras músicas. As composições de Herbert se renovam ao longo dos anos e aplicam-se aos nossos dias, mostrando como a corrupção e a injustiça social, daqueles anos se perpetuam. Como se uma sociedade igualitária fosse uma utopia, um sonho impossível de realizar para os milhões de brasileiros que anseiam apenas o básico para viver, como acesso à educação de qualidade, segurança, saúde moradia, alimentação, e porque não dizer, respeito e dignidade, enfim, elementos que parecem simples mas que, no entanto, ainda estão longe do alcance de muitas pessoas em nosso país..

Essas são as coisas que o discurso reticente do governo diz que vai acabar, fica só no desejo dos brasileiros. Foram justamente sobre essas coisas que o rock falava e sem medo. A galera que fazia esse tipo de música não era nada certinha e queria sim escutar como que havia de errado na sociedade. Bandas contemporâneas dos Paralamas como a Blitz, por exemplo, tinham esse nome porque viviam sendo parados pela polícia. E o rock tratava de assuntos cotidianos de pessoas comuns. Os próprios roqueiros eram pessoas comuns. Lobão, músico dessa mesma geração chegou a ser vaiado no Rock in Rio de 1985. Mas o importante não era ser bom músico ou não, ter técnica ou não, ser vaiado ou não. Importante mesmo era criticar a situação que se vivia, criticar a política, o governo, enfim, falar de tudo o que era tão intenso para aquela sociedade.

Os anos 80 foram assim, realmente, uma fase de libertação e de descobertas para os jovens. Fase de conquistas e de mudanças boas e ao mesmo tempo ruins. As pessoas utilizavam não só músicas, faixas e letreros como forma de protestar,

utilizavam o próprio corpo, as roupas como forma de expressar sua indignação. Se analisarmos com nossos dias atuais, perceberemos que cortes de cabelo extravagantes, tinturas, roupas rasgadas, enfim, um visual inusitado e chamativo não é algo de hoje. Surgiu sim naquela época, a diferença é que hoje os jovens se vestem de uma forma “punk”, na maioria das vezes, por simplesmente estar na moda, porque acham bonito, e os próprios pais muitas vezes influenciam; enquanto que nos anos 60 à 80, desde os hippies aos roqueiros, estes se vestiam daquela forma por rebeldia, para provocar, porque realmente tinham um sentimento dentro de si que motivava isso, porque queriam ser do contra, se tornar um transgressor, porque eram revoltados e faziam questão de mostrar isso. Porque queriam mudar a sociedade em que viviam. A maquiagem usada pelos roqueiros de hoje já eram utilizada por músicos como Tony Belotto dos Titãs influenciados por músicos e bandas do exterior como Kiss, Prince, entre vários outros. As roupas coloridas do Restart já era há muito tempo usadas pela Blitz. Até o cabelo do Justin Bieber é um plágio do cabelo que os Beatles já utilizavam bem antes. Enfim, hoje tudo virou moda, e a moda fez uma lavagem cerebral na cabeça das pessoas fazendo-as esquecer do que realmente importa: uma sociedade mais justa para todo cidadão. Nos anos 80, era a vontade pela mudança social que motivava o estilo.

Emfim, a temática das músicas da banda Paralamas do Sucesso pode ser vista como um roteiro que ecoa grande parte das experiências dos que viveram sua juventude entre os anos 80 e 90.

Em 2001, depois de gravar o CD Longo Caminho, Vianna cai com seu ultraleve no litoral do Rio de Janeiro, num acidente que causa a morte da sua mulher e interrompe a carreira da banda. No período anterior à tragédia as letras do músico ganham maior espiritualidade, diminuindo seu enfoque político-social. Palavras como “vida” e “fim” aparecem com mais frequência nas composições, que passam a enfatizar também um sentimento de desligamento das preocupações cotidianas, como evidencia Busca Vida, do CD Nove Luas, de 1996. Vou sair pra ver o céu/ Vou me perder entre as estrelas/Ver d’aonde nasce o sol/ Com o se guia/ os cometas pelo espaço/E os meus passos nunca mais serão iguais. (ZANELLA, Com o país na Garganta Cultural [ n. 200/maio 2005 ] p. 16).



Imagem 04: Show Paralamas do Sucesso. Herbert em cadeira de rodas. Fonte: Maurício Valadares, Os Paralamas do Sucesso.



Imagem05: Primeiro Show dos Paralamas do Sucesso, após a recuperação de Herbert. João Pessoa (PB) 2002. Fonte: Maurício Valadares, Os Paralamas do Sucesso.



## REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Edyr; OLIVEIRA, Nelson de.(org). Os melhores contistas brasileiros surgidos no final do século XX. IN: **Geração 90 : os transgressores**. São Paulo. Boitempo Editorial. 2003.

BAP, Paulo. Anos 80: o paradoxo estendido na areia. IN: **O Rock Brasil anos 80 e sua importância**. 2008. Fonte: Disponível em . Acesso em <http://musicapoesiabrasileira.blogspot.com.br/2008/01/o-rock-brasil-anos-80-e-sua-importancia.html> [S.l.]

CARMO, Paulo Sérgio. **Culturas da Rebeldia: juventude em questão**. São Paulo: SENAC,. 2001.

DAPIEVE, Arhur. **Brock: o rock brasileiro dos anos 80**. Rio de Janeiro: 1995. (COLEÇÃO OUVIDO MUSICAL).

FIGUEIREDO, Lucas Carvalhaes de; SILVA, Rafael Evangelista da. .” A Era de Ouro” .IN: **Rock Brasil Anos 80**. Disponível: [https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:VIxzI0JW4c8J:www.cp2centro.net/disciplinas/educacaomusical/Rock\\_Brasil/rb02.pdf+o+rock+dos+anos+80&hl=pt-](https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:VIxzI0JW4c8J:www.cp2centro.net/disciplinas/educacaomusical/Rock_Brasil/rb02.pdf+o+rock+dos+anos+80&hl=pt-)

HOLSTON, James. **A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

IANNI, Octavio. **Revolução e cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

Marcos. MPB : “Totem-tabu da vida musical brasileira”. In.: **Anos 70: trajetórias**. São Paulo: I luminuras : Itáu Cultural, 2005

MATOS, Heloiza. **Memórias de Brasília: primeiros habitantes, narrativas da mídia e laços comunicativos**. São Paulo: Plêiade, 2010.

NAPOLITANO MARCELO, Carlos. **Renato Russo: o filho da revolução**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

NAPOLITANO , Marcos. “A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981). In.: **Revista Brasileira de História**. Vol.24. São Paulo. 2004. n.47. p.103-126.

NAVES, Santuza Cambraia. **Da Bossa Nova à Tropicália**. 2. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed: 2004 Il., – (Descobrimdo o Brasil).78 p. Il.

OLIVEIRA, Nelson de. (org.) Os melhores contistas brasileiros surgidos no final do século XX.IN:**Geração 90: os transgressores**. São Paulo: Boitempo, 2003.

RUSSO, Renato. **Conversações com Renato Russo**. Campo Grande: Letra Livre Ed., 1996.

TINHORÃO, José Ramos. **Historia Social da Música popular brasileira**. São Paulo: 1998.

VALADADES, Mauricio. **Os Paralamas do Sucesso**. Rio de Janeiro: editora Senac, 2006.

Outras Fontes:

Sites: <http://letras.mus.br/os-paralamas-do-sucesso/439836/>.

<http://www.vagalume.com.br/paralamas-do-ucesso/alagados.html#ixzz2E2n6x95r>.

<http://letras.mus.br/cazuza/43860/>.